

Inovação é a página em branco

Uma crítica ao conceito de linha de produção instalado no modelo de gestão das organizações

Em 1936, Chaplin produziu, com seu filme *Tempos Modernos*, uma fantástica crítica ao mundo industrial, então no auge. Muitos já entenderam a destruição causada pela onda industrial no meio ambiente e se convenceram de que teremos de redesenhar tudo para criar um modelo de vida mais amigável ao planeta. Porém, poucos se deram conta do estrago que esse modelo de pensar industrial causou em nossas mentes. Chaplin, parece, não foi bem entendido.

Para ganhar escala, criamos, entre outros conceitos, o da linha de produção. Condição-nos à ideia de “compartimentalizar” as coisas. Treinamos-nos a fazer a nossa parte e a “passar o bastão” a outros. Também fomos eficientes em transmitir esse modo de pensar: criamos uma educação massificada, sem quase atentar às diferenças individuais.

Cegamente apaixonados por medir, também criamos um rígido sistema de avaliação, destinado a “quantificar” o quanto os estudantes assimilavam essa maneira de pensar. A fim de reduzir os desvios, criamos métodos baseados em formulários, em que até pessoas menos capacitadas podem realizar tarefas.

Esse jeito industrial de pensar também nos beneficiou. Por exemplo: hoje alimentamos mais pessoas, nossa expectativa de vida dobrou e temos cura para várias doenças ameaçadoras do passado. Porém, o efeito de escala e o alto grau de especialização chegaram a um limite crítico.

A dose do remédio parece ter sido alta demais, e sofremos os efeitos colaterais. Perdemos

o costume com o todo. Burocratizamos tanto nosso pensar que transferimos o conhecimento sobre nossas atividades das pessoas para os processos. Antes era o contrário, todo conhecimento estava nas pessoas.

Anteriormente à Revolução Industrial, os “Leonardos Da Vinci” eram múltiplos e não estavam tão algemados por processos. Tratavam o conhecimento das artes, ciência e tecnologia de forma integrada. Até hoje, a base do conhecimento dos índios está nos “pajés”, que passam as informações aos mais novos. Nosso sistema educacional, tão preocupado em medir os resultados, esqueceu-se de motivar as pessoas.

Assim, ensinamos os alunos a passarem em testes e estudarem por notas, e não “apenas” pelo conhecimento. Trabalhamos, cada vez mais, por dinheiro, e não pelo que gostamos de fazer. Nossa comunicação massificada cria moda a cada dia, e caímos em uma sopa de palavras em que pouquíssimos são críticos o suficiente para escapar. E, assim, nos sentimos perdidos.

A necessidade de rever esse jeito de pensar está cada vez mais clara, tanto para indivíduos quanto para organizações. Diante do atual grau de competição, estamos todos sendo pressionados a inovar e ainda nos perguntamos: por que não estamos conseguindo?

Nossos burocratas tratam inovação da mesma forma que tratam a qualidade. Porém, qualidade tem a ver com o presente e está ligada a eficiência operacional. Todas as variáveis são conhecidas e passíveis de serem controladas. Já

inovação envolve o futuro, o desconhecido e a construção do novo.

A verdade é que nos nivelamos por baixo. O pensar industrial nos familiarizou com a ordem e o controle, mas nos tirou a proximidade com o caos e com o orgânico. Mas existe uma beleza no orgânico, fluido e caótico, que não podemos ignorar.

A Wikipédia é um exemplo. Ela conseguiu organizar, de forma orgânica, o conhecimento em uma enciclopédia, desafio que gigantes da informática tentaram em vão superar. Cidades que aboliram os sinais de trânsito são outro. Elas abdicaram do controle, que passou às pessoas, e assim reduziram os acidentes e aumentaram a cordialidade. Sem os sinais, as pessoas negociam mais e melhor.

A ciência da complexidade, que estuda o que cria e mantém a ordem e o caos, pode muito nos ajudar no desafio de inovar. Falta fazermos uma radical mudança em nosso modo de pensar. Temos que reaprender a ter prazer em navegar no desconhecido, descobrir o nosso potencial “Einstein”. Precisamos renascer, desaprender muito do que nos foi ensinado e reaprender a curtir a página em branco. Por tudo isso, estou convencido de que, intelectualmente, inovação significa conforto com a página em branco.

*Charles Bezerra é diretor executivo do GAD Innovation. É Ph.D. pelo Illinois Institute of Technology e foi executivo de multinacionais como Motorola. É autor do livro *A Máquina de Inovação: mentes e organizações na luta por diferenciação*, lançado em 2010.

